



CENÁRIO DA CULTURA HIP HOP DE CRICIÚMA E NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

TEMPORALIDADES, TERRITÓRIO E MEMÓRIA CULTURAL

LA CULTURA HIP HOP EN CRICIÚMA Y EN EL ESTADO DE SANTA CATARINA:

TEMPORALIDADES, TERRITORIO Y MEMORIA CULTURAL

**HIP HOP CULTURE IN CRICIÚMA AND THE STATE OF SANTA CATARINA:
TEMPORALITIES, TERRITORY AND CULTURAL MEMORY**

Maxwell Sandeer Flôr¹

<https://orcid.org/0009-0003-6260-6729>

Gladir da Silva Cabral²

<https://orcid.org/0000-0001-9695-9504>

Marco Aurélio Cruz Souza³

<https://orcid.org/0000-0002-9243-5372>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar recortes históricos dos fazedores da cultura *hip hop* do município de Criciúma-SC e do estado de Santa Catarina. A pesquisa é autoetnográfica, e os dados foram coletados a partir de depoimentos de sujeitos *hip hoppers* de Criciúma e Santa Catarina, extraídas no blog e no canal do *YouTube* da Associação Dança Criciúma – ASDC e do Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH), além das experiências de um dos autores do trabalho. A investigação mostrou que os grupos pioneiros de Criciúma-SC são SOS Dance, *The Laws*, União Dança de Rua da UNESCO e Sistema *Breaking* e os *hip hoppers* dos municípios de Joinville, Rio Negrinho, Itajaí, Tubarão do estado de Santa Catarina, demonstram processos de resistência cultural na linguagem do *hip hop*, comprovando em fatos e memórias que é possível fazer ações nessa linguagem “com ou sem recursos”, com organização de coletivos que podem impactar diretamente em políticas culturais estruturantes.

Palavras-chave: Hip Hop; Criciúma; Santa Catarina; Memória; Resistência Cultural.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Professor do PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

³ Doutor em Motricidade Humana, especialidade de Dança na Faculdade de Motricidade Humana, Portugal e Professor da Universidade Federal de Pelotas.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar extractos históricos de los creadores de la cultura hip hop en el municipio de Criciúma (SC) y en el estado de Santa Catarina. La investigación es de carácter autoetnográfico y los datos fueron recopilados a partir de testimonios de personas vinculadas al hip hop de Criciúma y de Santa Catarina, extraídos del blog y del canal de YouTube de la Associação Dança Criciúma – ASDC, así como del Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH), además de las experiencias de uno de los autores del estudio. La investigación reveló que los grupos pioneros en Criciúma (SC) son SOS Dance, The Laws, União Dança de Rua da UNESCO y Sistema Breaking, y que los artistas de hip hop de los municipios de Joinville, Rio Negrinho, Itajaí y Tubarão, en el estado de Santa Catarina, evidencian procesos de resistencia cultural en el lenguaje del hip hop, demostrando, tanto en hechos como en memorias, que es posible desarrollar acciones en este lenguaje «con o sin recursos», mediante la organización de colectivos que pueden influir directamente en la estructuración de las políticas culturales.

Palabras clave: Hip Hop; Criciúma; Santa Catarina; Memoria; Resistencia cultural.

ABSTRACT

This article presents historical excerpts of hip hop culture makers in the city of Criciúma-SC and the state of Santa Catarina. The research is autoethnographic, and the data were collected from testimonies of hip-hoppers from Criciúma and Santa Catarina, extracted from the blog and YouTube channel of the Associação Dança Criciúma - ASDC and the Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH), in addition to the experiences of one of the authors of the work. The investigation showed that the pioneering groups from Criciúma-SC are SOS Dance, The Laws, União Dança de Rua da UNESCO, and Sistema Breaking. The hip-hoppers from the cities of Joinville, Rio Negrinho, Itajaí, Tubarão in the state of Santa Catarina, demonstrate processes of cultural resistance in the language of hip-hop, proving in facts and memories that it is possible to carry out actions in this language “with or without resources”, with the organization of collectives that can directly impact structuring cultural policies.

Keywords: Hip Hop; Criciúma; Santa Catarina; Memory; Cultural Resistance.

GERANDO GERAÇÕES: TEMPO, MOVIMENTO E TERRITÓRIOS

Este artigo tem como objetivo apresentar recortes históricos dos fazedores da cultura *hip hop* do município de Criciúma-SC e do estado de Santa Catarina. No ano do cinquentenário da cultura *hip hop* (2023), efervesceu o movimento em todos os territórios de nosso país; o *hip hop* ganhou força política e visibilidade social e está

sendo representado por grupos de trabalhos em Brasília (DF), que tem visitado deputados, senadores e ministros do governo federal. Este movimento nacional fez com que passássemos a olhar para os nossos, para os nossos fazeres, para os nossos territórios, o que nos impulsionou a estudar o movimento *hip hop* em Criciúma e nosso estado de Santa Catarina.

Para iniciarmos este estudo, e numa relação com o tempo, recorremos às memórias de um dos autores deste artigo que fez e faz parte do movimento em Criciúma (SC), e que indica que no início da década de 1990, os praticantes da cidade não sabiam as nomenclaturas das linguagens do *hip hop*. Ele dizia que a dança *popping* era confundida com a dança *breaking*, e a *hip hop dance*, com o *rap*. Esses movimentos perpassam e atingem grupos que se aventuram na constituição de CNPJs, formação de coletivos culturais e ocupação de espaços e conselhos, desenvolvendo o processo de educação não formal. O “território” nesse sentido, perpassa as fronteiras físicas das “terras”, assim como o movimento *hip hop* ocupa e marca suas “plataformas digitais”, organiza-se e (re)organiza-se como uma rede viva. Para finalizar esse tripé que compõe a ideia que queremos trazer nesse artigo de “tempo – movimento – território”, falamos dos espaços que podem ser definidos ou não como fronteiras políticas, sociais e culturais onde os *hip hoppers* transitam como “griots do terceiro milênio”, como destaca João Lindolfo Filho (2015). São os/as artistas da cultura *hip hop* que transmitem seus saberes e fazeres por meio de suas corporalidades, musicalidades e/ou oralidades e é nesse sentido que escolhemos a expressão “gerando gerações” para compor o título desta introdução.

A pesquisa aqui introduzida é historiográfica e autoetnográfica. Utilizamos para coleta de dados depoimentos de sujeitos *hip hoppers* de Criciúma (SC) e de Santa Catarina, diário de bordo envolvendo as experiências de um dos autores deste artigo, análise de um audiovisual com o tema “Roda de Cultura Hip Hop de Criciúma”, produzida pela Associação Dança Criciúma (ASDC) e do Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH), elaborada pelo GT Facilitadores Oficial 50 anos do Hip Hop.

Festivais urbanos de Criciúma-SC: cultura *hip hop* (re)existe

Iniciamos este subtópico pela “dança *breaking*” e pelas pesquisas da cultura *hip hop*, que começou com as *street dances* em Criciúma-SC na década 1990. O primeiro grupo de *hip hop* a surgir na cidade foi o “SOS Dance”, formado por Diógenes José e seu primo Roberto Costa, mais conhecidos como “Turbo B. e Roger Volks”. No ano de 1992, a dupla abriu um espaço de dança de educação não formal, na Sociedade Recreativa União Operária, no bairro Santa Bárbara – Criciúma (SC), incluindo, assim, novos dançarinos/as urbanos/as ao grupo de *hip hop*.

Paralelamente, nesse período histórico se formou o grupo *The Laws*, em 1995, iniciando seus treinos/encontros na Cohab da Vila Zuleima, especificamente na garagem da residência de Maxwell Sandeer Flôr, para depois ocupar o centro comunitário. Depois de dois anos, o grupo participou da seleção por vídeos para participar do XV Festival de Dança de Joinville (1997). Para a surpresa do grupo, o trabalho foi selecionado. Com apoio da Fundação Cultural de Criciúma (FCC), o grupo participou do renomado festival. Depois da participação neste evento, o grupo organizou seu primeiro Festival de *Street Dance* (1997), a “Mostra de *Street Dance* de Criciúma”, e, na programação havia o “Festival Duo de Rua”. Dessa mostra participaram oito grupos: *The Laws*, *Over Boys*, *Street C*, Expressão de Rua, *Mad Dance*, Treme Terra, Era 2000 e Academia Estação Vital.

Em 1998, ocorreu a segunda edição do Festival Duo de Rua, no Criciúma Shopping. Em 1999, a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) patrocinou a 3ª Mostra de *Street Dance* de Criciúma, realizada no Ginásio de Esportes do Curso de Educação Física da UNESC. Por sua vez, o Festival Duo de Rua ocorreu na Signus Danceteria, ganhando autonomia e singularidade.

Em 2000, o “TV Festival Duo de Rua” foi realizado na Praça do Congresso, no centro de Criciúma. Em 2001, a Mostra de *Street Dance* de Criciúma vai para o Teatro Municipal Elias Angeloni, com apoio institucional da UNESC, FCC e do Bairro da Juventude, tendo a participação de 22 grupos de Danças de Rua vindos de cinco estados brasileiros: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa

Catarina. O “V Festival Duo de Rua” ocorreu na Praça Nereu Ramos, com o apoio da FCC e com a participação dos dançarinos urbanos Faísca e Fumaça, de São Paulo (SP).

No período de 2002 a 2005, o “Festival Duo de Rua” teve sua primeira interrupção. Stuart Hall (2001) já sinalizava que a esfera da cultura configura-se como “uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitória definitiva, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (Hall, 2001, p. 255). A partir de 2006, o Festival Duo de Rua passou a ser identificado como “Duplo Balanço”, uma nova linguagem com interessantes implicações em relação às questões de identidade do movimento: foi uma transição da coreografia para a batalha de improvisação na linguagem do *hip hop dance*.

A Figura 1 apresenta a logomarca do “Duplo Balanço”, que se mantém até hoje. E, a parceria com o Bairro da Juventude, onde o pesquisador Maxwell Sandeer Flôr foi educador/oficineiro desta instituição, foi a razão de conseguir a anuência do equipamento cultural para reavaliação do evento; e os apoiadores amigos que fizeram dessa edição uma referência no sul de Santa Catarina. A imagem do dançarino de *hip hop dance* no cartaz foi retirada da internet, e não há referência para citar nesse recorte histórico.

Figura 1 – Cartaz da primeira edição do Duplo Balanço (2006)



Fonte: arquivo de um dos pesquisadores.

O Duplo Balanço é um “baú” que dialoga com vários episódios das memórias das *street dances* de Criciúma, e não vamos aprofundá-la nesse estudo, mas apenas

situá-la em um contexto territorial, social, político e econômico, abrindo para novas brechas no cenário do *hip hop* da cidade. Em diálogo com Stuart Hall pode-se dizer que, nesse contexto, a sensação é de “uma fervilhante variedade de identidades possíveis” (Hall, 2001, p. 277).

Outro evento que ganhou destaque no *hip hop* em Criciúma foi o “*Underground Battle B-boys*”, cuja primeira edição aconteceu em 2008, na Escola Estadual João Frassetto.

Figura 2 – Cartaz da primeira edição do *Underground* (2008)



Fonte: arquivo de um dos pesquisadores.

Há dois fatos que recortam as memórias dos entrevistados sobre essa ação cultural: primeiro a definição do nome, que foi intermediado pelo pioneiro das *street dances* Willyans Santiago Bernardo (Nego Wil), que nessa época era proprietário da loja “*Underground Hip Hop Wear*”, sendo o principal patrocinador deste festival urbano. E o segundo fato, é o local da realização do evento, a Escola Estadual João Frassetto, bairro Santa Luzia (Criciúma), que abraçou projeto de *hip hop*, cuja professora era Paula Gregório Gonçalves, uma das pioneiras das *street dances* de Criciúma (SC).

Essa ação repetiu-se por três anos consecutivos e retornou em 2022 e 2023 com o apoio da Associação Dança Criciúma (ASDC), mantendo a identidade do festival urbano. Pode-se inclusive destacar que essas ações foram ampliadas, a exemplo da execução de “rodas de saberes” com discussão sobre práticas pedagógicas no *hip hop*.

Uma das ações do *Underground* foi a Roda de Cultura *Hip Hop* de Criciúma⁴. Esse encontro envolveu educadores/as e oficinairos/as que atuavam na Casa do Hip Hop de Criciúma, na Sede da Associação Dança Criciúma (ASDC) e no Centro de Treinamento UDR Crew, situados em comunidades periféricas de Criciúma (SC), e ainda envolveram agentes culturais multiplicadores nos municípios de Criciúma, Forquilha e Araranguá (SC).

A fala do *hip hopper* Manoel Antônio Flor Júnior (Maneka), que participou do Roda de Cultura *Hip Hop* de Criciúma (2023), nos apresenta sobre o objetivo do trabalho social em espaços de educação não formal que atuam na cultura *hip hop*.

O hip hop é uma cultura que hoje em dia está bastante na mídia, então aqui na nossa cidade como é uma cidade pequena, as crianças, os adolescentes, os leigos, acabam vendo o hip hop só como uma margem que passa pela mídia, então a nossa função também é aprimorar, estudar a cultura, não só a técnica, a dança, mas também aprofundar na história da cultura e como usar ela como uma ferramenta de transformação social! Como projeto social, o objetivo é a transformação do ser humano, das crianças, então o objetivo é sempre educá-los, tentar ensiná-los a respeitar as diferenças, os colegas, trazer respeito a amizade deles, e depois, vamos trabalhando com as técnicas. (Roda de Cultura Hip Hop de Criciúma, 2023)

Ainda no que tange ao registro dos festivais urbanos, não podemos deixar de mencionar o “*The Urban Game*”, que veio somar-se aos eventos de *hip hop* em Criciúma no ano de 2012. Em sua primeira edição, teve apoio do projeto *Street Dance Terminal*, da Associação Dança Criciúma (ASDC), sendo realizado na entrada do Bistek Supermercados, em frente ao Terminal Urbano do Centro de Criciúma (SC). O idealizador dessa ação foi o dançarino Uanderson de Oliveira Farias (Vovô Uantpi), que nessa época havia chegado recentemente de Caxias do Sul (RS), para morar e trabalhar com *street dances* em Criciúma.

A Figura 3 destaca no cartaz, sete dançarinos de *hip hop dance*; todos esses dançarinos foram pré-selecionados para competir na primeira edição do “*The Game*”. Fazemos menção ao DJ Mannis, que antes de migrar para “arte do vinil” foi dançarino

⁴ Esta ação cultural foi gravada e publicada no canal do YouTube da Associação Dança Criciúma (ASDC). Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=2v41ESL1ibc>.> Acesso em 14 jun. 2026.

pioneiro das *street dances* de Criciúma (SC), treinando na Sociedade Recreativa União Operário, com o Grupo SOS Dance. Como já visto na Figura 1, o DJ Mannis tinha sua identidade artística como DJ Lucas (2006), que participou da primeira edição como DJ no Duplo Balanço.

Figura 3 – Cartaz impresso da primeira edição do The Urban Game (2012)



Fonte: arquivo do pesquisador. Da esquerda para a direita: Luciano (SP), Pablo (RS), Tinho (RS), Roger Niggax (SP), Eliseu (PR), Flow Jack (RS) e Tevez (SP).

Assim como o “Duplo Balanço”, o festival “*The Urban Game*” passou por migrações territoriais, sendo que a primeira edição aconteceu no Bistek Supermercados (2012) e depois no Teatro Municipal Elias Angeloni (2013), indo em seguida para o Ginásio Municipal de Esportes (2014) e Criciúma Shopping (2016). A batalha urbana tinha uma característica própria: os competidores também eram os próprios jurados da competição urbana. Em 2023 no Ginásio de Esportes de Forquilha (2023) o evento retorna com outro formato de execução, sendo avaliado por jurados externos.

No ano de 2023 ocorreu a 10ª edição do Festival Criciumense de *Hip Hop* (2023)⁵, que se iniciou com a realização da Associação Espaço Alternativo, em parceria com a Fundação Cultural de Criciúma, e, durante o mês de novembro de 2023 teve a realização do Instituto Criciumense de *Hip Hop* em parceria com a Associação Dança Criciúma (ASDC) e a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Em todas as edições, o *hip hopper* Frankilin dos Passos (Nego Frank) esteve envolvido diretamente na organização. Essa ação cultural levou palestras e oficinas de *hip hop* para escolas públicas de Criciúma e, na sexta edição (2017), teve em sua programação “*Graffiti na UNESC*”, sob a coordenação de Vlademir Ricardo Bernardo Júnior (Herok). Após o evento, os painéis grafitados se tornaram parte do Acervo Artístico Cultural da Unesc (AAC).

Na Figura 4, o tratamos da primeira edição do Festival Criciumense de *Hip Hop*, sendo apresentado pela Empresa ICON e pela Associação Espaço Alternativo.

Figura 4 – Cartaz impresso do 1º Festival Criciumense de *Hip Hop* (2012)



Fonte: arquivo do pesquisador. Da esquerda para direita: Fábio Torres (grafiteiro), Tate e Cacau (MC's), Erick Jay e Abu (DJ's).

⁵ A programação da ação cultural pode ser conferida pelo Instagram do festival. Disponível em: <<https://www.instagram.com/festivalcriciumensedehiphop/>> Acesso em 14 jun. 2026.

Ao encerrarmos o relato desse ciclo de ações urbanas, enfatizando que, desde a primeira edição do Festival Criciumense de *Hip Hop* (2012), o evento é realizado de forma coletiva. Acrescentamos, ainda, que o festival “Duplo Balanço” ficou em processo de “pausa” nos anos 2011 e 2012, entretanto, os *hip hoppers* organizaram-se para fazer outras ações culturais, a exemplo do *The Urban Game* e Festival Criciumense de *Hip Hop*, que nasceram juntos em 2012. Finalizamos este subtópico “Festivais urbanos: cultura *hip hop* (re)existe” com destaque para a resistência cultural no *hip hop*, pois fica perceptível que, ao pesquisar a comunidade de artistas urbanos da cidade de Criciúma, verificamos que esses sujeitos não se permitiram a “ausência” de eventos de *hip hop*. Alguns adormecem, outros se recriam e permanecem, outros pausam! Os apoiadores são de diferentes segmentos da sociedade, desde associações até a universidade comunitária, mas o que os impulsiona são as pessoas que vivem, sobrevivem e acreditam na cultura *hip hop* na referida cidade.

Pioneiros/as das *street dances* de Criciúma e ramificações na cultura *hip hop*

Neste espaço autoetnográfico, vamos registrar as experiências de um dos autores como *hip hopper*, bem como a transcrição de textos de pioneiros/as das *street dances* de Criciúma (SC), publicados no blog e no canal do *YouTube* da Associação Dança Criciúma (ASDC), especificamente os projetos: Roda de Cultura *Hip Hop* de Criciúma e Pioneiros das *Street Dances* de Criciúma. Como já mencionado anteriormente, temos registros da década de 1990, porém, é preciso mencionar os mestres Diógenes José e Roberto Costa, mais conhecidos como “Turbo B e Roger Volks”, ou ainda o pessoal da “Vila”: os primos “Diógi e Fred”. Para além dessas referências, mencionamos os dançarinos criciumenses: Luizinho, Brasil, Branco e Neizinho.

Na COHAB da Vila Zuleima – Criciúma (SC), no final da década de 1980, o *hip hop* estava “brotando”, literalmente, em todas as festas de aniversários e encontros no centro comunitário. Sempre havia música *rap* e *hip hop dance*. Ao acionar sua memória, Maxwell relata que lembra de alguns dançarinos que eram referência para a “gurizada”, como o Diógi, Fred, Batata, Juruna, Cris, Carioca e Carioquinha. No tempo

da “fita cassete”, eles saiam pedindo emprestado fitas para “copiar”, como lembra o depoimento do dançarino “Brasil”, que foi uma referência no *popping* em Criciúma (SC). Nessa época aos seus 13 anos de idade, ele praticava a linguagem das *street dances*, participando de “rodas” em festas no Centro Comunitário da Vila Zuleima – Criciúma (SC). O material de estudo eram os vídeos que gravavam de programas de televisão e a prática que tinham dançando nas danceterias que frequentavam no Centro Comunitário do Bairro Mina do Mato, na Signus (Criciúma/SC), e no Centro Social (Laguna/SC), onde aprenderam os primeiros “passos” de *breaking*.

No blog da Associação Dança Criciúma (ASDC) foi registrado, no ano de 2020, o depoimento do pioneiro Brasil (Ronaldo Adriano)⁶, que é testemunha “vivo” das primeiras manifestações da cultura *hip hop* em 1985.

A primeira vez que foi ouvido rap em Criciúma foi em 1985, se vocês se lembram de um salão chamado Alvorada, foi lá, na época tinha uns 12 anos mais ou menos, aí não deixaram nós entrarmos porque éramos mais novos. Naquele tempo a dança era o Poperô (Dance Music dos anos 90) e o Technotronic (Grupo Musical dos anos 80). Então, não existia quem dançava breaking, rap e funk. E o funk era bem diferente, não é o mesmo de hoje (Flôr, 2020).

Parte desse depoimento foi utilizado na música de *rap* “Pioneiros DUC”,⁷ mixado ao som da composição de Nego Frank e Cal Will. A captação, *mix* e *master* foi por conta do estúdio SLF Records. A música foi criada a partir do projeto da Associação Dança Criciúma (ASDC), realizada com apoio do Ministério do Turismo, da Secretaria Especial da Cultura do Governo Federal, com recursos do Edital de Seleção Pública Culturas Populares: Edição Vitor Mateus Teixeira – Teixeira.

Nós dançávamos na frente das lojas em Criciúma, ali pra ganhar uma moeda, né Negão? Ganhava um trocadinho ali, dançava, fazia um movimento. Aquilo foi atraindo o pessoal e foi ali que foi numa apresentação dessas que eu conheci o Maxwell cabeludo, hoje está careca! Esse Maxwell não tem jeito! [risos]. A Praça Nereu Ramos foi o centro de tudo! Eu me lembro das rodas, do Neizinho,

⁶ O depoimento pode ser conferido no blog da ASDC. Disponível em: <<https://asdccriciuma.blogspot.com/2020/07/depoimento-do-brasil-pioneiro-duc.html>> Acesso em 14 jun. 2026.

⁷ A música pode ser acessada no canal do YouTube da SLF Records. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Wi3EYXPzo8&t=0s>> Acesso em 14 jun. 2026.

Brasil, saímos de bicicleta até o centro para prestigiar, assistir, aprender visualmente os movimentos de *popping*, Michael Jackson, e depois íamos à garagem e começava a treinar e trocar informações, passos e ano após ano foi evoluindo esse movimento.

[...]

Salve pioneiro! Ginga e balance. Salve SOS! Vem com nós nessa dança. *The Laws* a família, anos 90! Na Unesc União quem é cria se lembra! [Sig]night era o cartão de visita. Nego Tuti, Michel e Banana Night! Dominando o baile, era Borel no passinho, nunca tava sozinho. A galera fecha a roda, que é a hora do moinho. A tarde roda na praça! Salve, salve Neyzinho, Brasil e Luizinho!

Zuleima é Escola! União Operária, o berço da dança, toda uma juventude que trouxe esperança! Diógenes e Fred era bonito de se ver! Representando o Brasil, Criciúma, SC!

[...]

Que no giro do peão, nós é pioneiro! Fazendo com amor, e não pelo dinheiro!

Sistema Break no ar ... *Mult Style* nova escola não pode parar!

Sistema Break no ar ... *Mult Style* nova escola não pode parar! (Cal Will, 2020).

O Nezinho citado na música, conhecido nas rodas de *hip hop* na Praça Nereu Ramos – Criciúma (SC), foi um dançarino referência, e foi o primeiro artista a compor música *funk* e criar um coletivo de *hip hop* conhecido como “*The Rap Boys*”. Nesse mesmo hibridismo cultural entre as linguagens da cultura *hip hop*, vale citar os pioneiros DJ Mani’s e DJ Bet’s, que iniciaram com as *street dances* e migraram para a arte dos “vinis”, e até hoje trabalham como DJs. Não podemos deixar de citar o grupo “Cri Charm”, que foi formado pelos dançarinos do “*The Laws*”, Borel e Jean. Quando os *MCs* descrevem na música Pioneiros DUC a frase “Dominando o baile, era Borel no passinho, nunca estava sozinho”, estavam cantando justamente sobre os movimentos do *charm*, que geralmente nas danceterias começavam em dois e terminavam em quarenta pessoas dançando. A segunda parte da música inicia-se com o depoimento do pioneiro “Brasil”, falando da danceteria Signus, e dos pioneiros Gioge, Fred e Luizinho, costurando e concordando com nossas memórias dançantes.

A dança foi evoluindo. E nós fomos ali. Lembra que nós mantemos aqui no nosso grupo? Foi aonde eu comecei a sair, fui pro salão da Signus! Signus todo mundo conhece né! E foi ali que conheci o Gioge e o Fred, que foi os primeiros! Que também gostavam de dançar, e eles treinavam e “iam” seguir! Eles aprenderam a dançar com um cara do Rio de Janeiro, que era o Luizinho. Aí o Luizinho, ensinou um “passo” para eles, porque o Luizinho era da favela da rocinha! Então lá o Rio, já tava evoluindo, já tava evoluindo!

[...]

[Sig]night era o cartão de visita. Nego Tuti, Michel e Banana Night! Dominando o baile, era Borel no passinho, nunca tava sozinho. A galera fecha a roda, que é

a hora do moinho. A tarde roda na praça! Salve, salve Neyzinho, Brasil e Luizinho! Zuleima é Escola! União Operária, o berço da dança, toda uma juventude que trouxe esperança!

Diógenes e Fred era bonito de se ver! Representando o Brasil, Criciúma, SC!

[...]

Que no giro do peão, nós é pioneiro! Fazendo com amor, e não pelo dinheiro!

Sistema Break no ar ... *Mult Style* nova escola não pode parar!

Sistema Break no ar ... *Mult Style* nova escola não pode parar!

[...]

Lembro que eu fui no fliperama e vi um cartaz pendurado na parede, oferecendo aulas de street dance. Poxa vida, vou ir, né? Era lá na União Operária. Eu já fazia alguns passos [...]. E quando fui pra lá, comecei aprender os primeiros movimentos, que era muito MC Hammer, Vanilla Ice! E foi a nossa primeira música dançada na coreografia! Pra mim foi os primeiros passos que eu aprendi coletivamente. Depois nós pensamos assim: Pô! Vamos fazer um grupo também aqui na Zuleima? E aí nasceu o The Laws. (Cal Will, 2020).

E assim, com os *hip hoppers* Tuti, Willian, Michel e Macarrão, aconteceu de forma pujante a “ramificação” de linguagem. Os pioneiros se reuniram para cantar *rap* e criaram o “Ato Consciente”. Pode-se inclusive salientar que, nesse gênero de “ritmo e poesia”, foram os primeiros a compor grupo de *rap* em Criciúma (SC). É importante evidenciar que o estilo musical era diferente do “*The Rap Boys*”, que cantava *funk*, e do “Cri Charm”, que cantava *charm*.

Em 1993, o primeiro grupo de *hip hop* a receber uma identidade foi o “SOS Dance”, que inclusive recebeu apoio de Fernando Mazzucco por meio da “Loja Mazzucco Calçados”, garantindo aos pioneiros Diógenes e Fred figurinos adequados e assistência financeira. Um publicitário da loja marcava as apresentações, utilizando-as como marketing da empresa. Com esse patrocínio, os dançarinos urbanos criaram a Academia SOS Dance, na Sociedade Recreativa União Operária. Podemos evidenciar que foi o primeiro espaço de ensino não formal na linguagem do *hip hop* criado para reunir jovens interessados/as em aprender as *street dances* (Flôr, 2006).

Na memória de Maxwell, um dos autores deste estudo, há o registro que eles foram um dos primeiros participantes da Academia SOS Dance e o interesse era pela dança *popping*. Em seguida (1994), com 16 anos, criamos o Grupo “*The Laws of the Rap*”, com adolescentes amigos de infância, treinando inicialmente na garagem das famílias Flor e Lopes, na Vila Zuleima e Loteamento Floresta – Criciúma (SC).

Em 1997, com apoio da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), o Grupo *The Laws* começou a ensaiar na Sala de Dança do Complexo Esportivo e, paralelamente, abriu a oficina com o Projeto União Dança de Rua, que em 1999 torna-se o Grupo União Dança de Rua da Unesc (Flôr, 2006). O dançarino urbano Edson Luis Ferreira de Lima conta com detalhes sua experiência dos grupos de *hip hop*: *The Laws* e União Dança de Rua da Unesc, durante o 3º Encontro dos Pioneiros das *Street Dances* de Criciúma.

Em 1997, no Festival de Dança de Joinville, acabei conhecendo o União Dança de Rua da Unesc. Naquele tempo nosso sonho era participar de um grupo adulto de dança, nós éramos do grupo Juvenil, o único grupo adulto que se destacava na época era o grupo União Dança de Rua, na região do Sul de Santa Catarina. Lembro que naquela época, quando fomos para o Festival de Dança de Joinville, em 1999, assistimos à apresentação do *The Laws*, da coreografia ‘Crack’, depois da apresentação do União Maxwell e o Luciano conversaram conosco e propuseram uma ponte/elo entre os grupos de Criciúma e Imbituba. Em 2000, a Cia Imbitubense de Dança participou do palco principal no Festival de Dança de Joinville com a coreografia “Samba de Rua”, e eles foram juntos para ajudar na cenografia. Naquela ocasião, elaborei um bloco de coreografia para apresentação, e o Maxwell olhou aquele bloco de coreografia, e perguntou se eu que tinha feito aquele bloco de coreografia, eu disse que “sim”. Perguntou também quando finalizaria o ensino médio, abrindo possibilidade para participar do Grupo União Dança de Rua da Unesc. (ASDC Associação Dança Criciúma, 2021).

O Grupo *The Laws* fez sua trajetória cultural até o ano de 1999 e neste ano, depois de participar do Festival de Dança de Joinville, o grupo passou por uma separação. Os *b-boys* saíram para treinar especificamente o *breaking*, e, os dançarinos que ficaram migraram para o Grupo União Dança de Rua da Unesc. No registro fotográfico da Figura 5, da esquerda para direita: Fabrício, Maxwell, Andrigo, Rafael e Cristiano.

Figura 5 – Foto do *The Laws*, coreografia Crack (1999)



Fonte: arquivo do pesquisador

Os *b-boys* que saíram do Grupo *The Laws* formaram um novo grupo no ano de 2000. Registra-se que foi o primeiro grupo específico de *breaking* de Criciúma, o “Sistema *Breaking*”, que inclusive é mencionado na música “Pioneiros DUC”. Sua principal formação foi composta pelos *b-boys* Raffa Man, Rangel, Tuti e Negão. O Grupo União Dança de Rua da Unesc, continuou seus trabalhos na universidade por 13 anos, formando dançarinos/as acadêmicos dos cursos de Educação Física, Letras, Artes Visuais, Medicina, Farmácia, Direito, Fisioterapia, Administração, Engenharia Civil, Ciências Contábeis e Geografia e História. Alguns outros pioneiros/as das *street dances* que iniciaram nos anos de 1999 - 2004, no registro fotográfico da Figura 6, onde basicamente estão dançarinos/as da primeira formação do grupo, da esquerda para direita parte superior: Person, Maxwell, Yuri, Cris, Juliana, Marlon, Gisele, Amanda e Zezinho, da esquerda para direita parte inferior: Aline, Talita, Michel, Borel, Érica e Paula.

Figura 6 – Foto do Grupo União Dança de Rua da Unesc (2004)



Fonte: arquivo do pesquisador

O Grupo União Dança de Rua da Unesc foi integrado ao Grupo de Dança Unesc, criando a “Companhia de Dança Unesc”, pela Resolução nº 30/2012/Reitoria em 9 de novembro de 2012, em consonância com as Políticas de Cultura da Unesc (Res. 4/2011/Câmara PROPEX). Apesar de a “União Dança de Rua” ter finalizado suas atividades na UNESCO, os *b-boys* e as *b-girls* não pararam seus “treinos”, e depois de cinco anos (2017) o grupo volta com a identidade UDR Crew, criando um espaço de fundo de quintal chamado “Centro de Treinamento UDR Crew”.

Faz-se necessário registrar ainda que o palco e sala de dança na década de 1990 eram a danceteria Signus e a Sociedade Recreativa União Operária. Sobre esses espaços há muitas memórias ainda para serem contadas, pois, eles foram o berço da cultura *hip hop* em Criciúma. As duas últimas conquistas como coletivo de *hip hoppers* foram a implementação da cadeira do *hip hop* no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Criciúma (COMCCRI), em 2021, que foi deferida após militância de seis anos de discussão em Fóruns e Conferências de Cultura em Criciúma, e a Lei da Semana da Cultura *Hip Hop* de Criciúma (2022)⁸, defendendo a inclusão dessa linguagem no Conselho e como uma política pública no município de Criciúma.

⁸ A Lei pode ser acessa no site. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/criciuma/lei-ordinaria/2022/820/8195/lei-ordinaria-n-8195-2022-ins-titui-a-semana-municipal-do-hip-hop-de-criciuma-no-municipio-de-criciuma-e-da-outras-providencias> Acesso em 14 jun. 2026.

Percebemos que as referências na grande maioria são homens, pois, na época inicial as mulheres não dançavam o *popping*, o *hip hop dance* ou o *breaking*, por questão de preconceito familiar com a cultura *hip hop*, que muitas vezes dificultava a participação feminina nos grupos urbanos. Esse impacto de gênero se minimizou depois de 15 anos, quando as academias de ginástica e a própria universidade abriram espaço para as aulas de *street dances*. Para concluir este tripé histórico entre tempos, movimentos e territórios, fica perceptível que alguns padrões de comportamento social. Ao mesmo tempo em que se criam “rupturas”, outros movimentos se formam para continuar a trajetória cultural do *hip hop*. Compreender os processos de “continuidade” pode ser um ponto a se pensar para dar “seguimento” às próximas gerações de *hip hoppers*.

CULTURA HIP HOP EM SANTA CATARINA

Em Santa Catarina foi criado o grupo de WhatsApp “GT Facilitadores Oficial 50 anos do Hip Hop” no dia 15 de maio de 2023, formado por dez *hip hoppers* de Santa Catarina, e Maxwell Sander Flôr, e fui indicado a colaborar neste grupo. E assim começamos este novo capítulo sobre o processo de elaboração do Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH)⁹.

Segundo o documento entregue ao “Grupo Construção Nacional 50 anos do Hip Hop”, que juntou inventários participativos de todos os estados do Brasil, Santa Catarina reuniu informações históricas de oito municípios: Itajaí, Tubarão, Criciúma, Laguna, Florianópolis, Rio Negrinho, Joinville e Blumenau. O trabalho teve início em março de 2023, sendo construído de maneira colaborativa pelos membros do grupo de trabalho de Santa Catarina, além de fazedores e fazedoras da cultura espalhados pelo Estado e que compartilharam documentos, reportagens e suas memórias de forma digital, organizada em arquivos no drive, visando a contribuir com as narrativas apresentadas no inventário. Todavia, o GT de facilitadores, devido ao pouco tempo

⁹ O inventário pode ser acessado no link. Disponível em: <<http://asdcriciuma.blogspot.com/2023/07/inventario-participativo-cultural-do.html>> Acesso em 14 jun. 2026.

para a pesquisa, infelizmente não conseguiu revisar e acrescentar a vasta bibliografia e ações de pesquisa encontradas em todos os cantos de Santa Catarina. Dessa maneira, ciente de toda a riqueza da trajetória do *hip hop* catarinense, compreendemos que o documento não é um inventário definitivo, mas o primeiro trabalho que cumpriu seu objetivo de colaborar com a exposição das memórias do *hip hop* de Santa Catarina, assim compondo o dossiê que foi somado aos outros estados do Brasil e levou ao pedido de reconhecimento da cultura *hip hop* como patrimônio imaterial brasileiro.

A resistência cultural por meio da criação e manutenção de espaços de educação não formal que trabalham atualmente com *hip hop* em Santa Catarina é ampla, e acreditamos que merece algumas citações como, por exemplo: Casa do Hip Hop Flor e Ser (Criciúma), Casa do Hip Hop de Criciúma, Escola de Dança Atitude (Garopaba) *Millennium* Studio de Dança (Itajaí), CUFA Laguna, e a Escola Olodum Sul (Florianópolis). Os espaços são múltiplos, não se estruturam em apenas quatro paredes, portas e janelas, mas também nas praças e ruas que acolhem ou não a linguagem da cultura *hip hop*.

O espaço urbano apropriado pela juventude ativa do Hip Hop transparece nas pesquisas abordadas como um elemento fundamental para a compreensão deste fenômeno como parte da construção da intelectualidade e de resistência. As(Os) jovens rappers arriscavam-se com algumas rimas, deejays preparavam suas primeiras bases e as(os) grafiteiras(os) apresentavam seus primeiros traços, todos e todas em busca de identidade, visibilidade e tornando-se vozes ativas e representativas na sociedade (Santos, 2017, p. 48).

Para Xavier (2005), o *hip hop* apropriou-se de espaços no centro da cidade de São Paulo (SP), como a Praça São Bento e a Praça Roosevelt, utilizados para as manifestações artísticas, dentre as quais a música e a dança. Essa apropriação, segundo a pesquisadora, é uma característica de luta por visibilidade e resistência da juventude, gerando uma ação política contestadora da realidade opressora. Em Santa Catarina os espaços de educação não formal para o ensino do *hip hop* estão ganhando força, pois, ao mesmo tempo em que acolhem os vetores hegemônicos da economia, da política e da cultura, possibilitam também resistência àquela ordem imposta pelos

vetores globais, a exemplo nas políticas públicas de cultura, ações governamentais, posicionamentos e engajamentos de *hip hoppers* da sociedade civil.

Ao voltarmos no “tempo” e destacar alguns territórios/municípios elencados no Inventário Participativo Cultural do *Hip Hop* de Santa Catarina (IPCHH), que identifica o ano de criação, nome de *hip hoppers* e de grupos envolvidos na pesquisa.

Em Itajaí o Rap deu seus primeiros passos por volta de 1996 e dentro do movimento skate ganhou força pois o mesmo já tinha grande influência da Cultura Hip Hop. Conta-se que, Tiago de Jesus convidou João Neto (ambos skatistas da época) para iniciar um grupo de rap chamado Voz Ativa que depois veio a se chamar Manifesto, onde ambos compositores, começaram as músicas e apresentações em festivais culturais, escolas e desenvolvendo alguns eventos, sempre envolvidos com o movimento do skate e em parceria com amigos do hardcore (Bandas Vehemence e 1049), criando junções de som já que na época o acesso à instrumentais eletrônicos ainda era muito escasso (Estadual SC Hip Hop Construção Nacional, 2023, p. 25-26).

Saindo do Vale de Itajaí e percorrendo o sul catarinense, deparamos com breve relato de Tubarão, onde muitas vezes os *hip hoppers* de Criciúma e Tubarão se encontravam nas danceterias para cantar *rap* e dançar *breaking*. Esse intercâmbio cultural era nossa maneira de aprender e aperfeiçoar essas duas linguagens.

Em meados de 1993 tocou na rádio cidade aqui de Tubarão a música fim de semana no parque do grupo de RAP Racionais MCs. Este foi o nosso primeiro contato com o RAP nacional. Logo em seguida, no ano de 1994 tivemos a visita do *rapper* Wagner K-chaça que reside em Florianópolis. Ele trazia fitas cassetes ou vinis dos manos daquela época, do tipo, Câmbio Negro, MT Bronx, Os Metralhas, Thaíde e DJ Hum e muitos outros. Quando ele vinha para Tubarão ficava na casa do mano Tel. O Tel morava no bairro Oficinas, famosa Zofa que virou até música naquele tempo "marofa da zofa", pelo grupo Artigo 288 (Estadual SC Hip Hop Construção Nacional, 2023, p. 27).

O início do movimento *hip hop* no município de Rio Negrinho, localizado no planalto norte catarinense, começou duas décadas depois de ter iniciado na região sul. O registro abaixo descreve a falta de eventos/ações ligadas à cultura *hip hop*.

Por volta do ano de 2013 eram atuantes na cidade Rio Negrinho, São Bento do Sul e Região os MC'S KL, DG, DIIH RUA, B13 E GUERRERO. No ano de 2015 foi organizada por DR e Guerrero a Batalha de MCs chamada 'Só os fortes sobrevivem' realizados em duas edições na cidade de São Bento do Sul. Além disso, outros adolescentes da região curtiam Hip Hop que era produzida em outras cidades (grande porte), mas não tinham contato direto com os elementos

da cultura Hip Hop em si, pois a cidade não tinha eventos e festas nela realizadas (Estadual SC Hip Hop Construção Nacional, 2023, p. 29).

O *hip hopper* de Joinville (SC), Antônio Augusto Pereira Hille, apresenta o impresso do Inventário Participativo Cultural do *Hip Hop* de Santa Catarina. A Construção Nacional de *Hip Hop*, durante a “Marcha da Cultura *Hip Hop*”, ocorrida em Brasília (DF), juntou e entregou dossiê ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entre os oito municípios citados no inventário participativo, a cidade de Joinville possui o registro mais antigo. *B-boy* Fábio Martelo¹⁰ pioneiro do *breaking* catarinense, descreve que a dança veio primeiro que o *rap*.

O break em Joinville começou em 1985, quando saiu o filme *Beat Street* no cinema. Em Joinville surgiram nomes como Beto break, Márcio, Guelo, Kaire e outras centenas de dançarinos. Estes agitavam nas ruas e lugares como calçadão do centro de Joinville - além de Danceterias como Repedeys, Floresta e Alvorada. Eu comecei a dançar em 1990. [...] Em 1995 muitos dançarinos pararam. Não se via mais Break nas danceterias. Mas eu não parei. Nesse mesmo ano surgiu o grupo Street Dance do Colégio Nova Era, considerado a primeira equipe de break de Joinville, pois lá estavam os últimos dançarinos de break de Joinville (Estadual SC Hip Hop Construção Nacional, 2023, p. 31).

Esses foram alguns destaques que encontramos ao longo das 55 páginas do inventário (IPCHH). Vamos escrever mais três fatos que merecem registro nesta escrita de memória. O primeiro fato que podemos elencar foi a articulação estadual de artistas do *hip hop* de Santa Catarina, organizando a participação da “consulta pública” pelo Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina (CEC), com finalidade de implementação de mais duas cadeiras da sociedade civil neste conselho, no ano de 2019. A linguagem artístico-cultural do *hip hop* foi ao plenário, onde os/as conselheiros/as votaram em mais de 20 (vinte) opções diferentes de linguagens para criação de duas novas cadeiras. E, por um voto, a cadeira do *hip hop* não foi implementada. O resultado foi positivo, pois na eleição da sociedade civil para o mandato 2019/2021 do CEC, o agente cultural do *hip hop*, Frankilin dos Passos (Nego Frank) venceu eleição em plenária e assumiu a cadeira de “Cultura Popular e

¹⁰ Fábio Martelo (Fabio Reginaldo Braz) possui uma coleção pessoal de imagens entre os anos de 1997 a 2018; 130 DVDs com 2 horas de gravação cada. Estes registros trazem entrevistas para jornais impressos e televisão, batalhas de *breaking*, projetos sociais, eventos de rap, treinos de dança e etc.

Diversidade” do CEC. A ocupação de espaços da política cultural é outra possibilidade da formação do sujeito, como aponta a professora e pesquisadora Maria da Glória Gohn (2009), que é referência no campo e os desdobramentos da educação não formal.

A educação não-formal está muito associada à ideia de cultura. A educação não-formal desenvolvida em ONGs e outras instituições é um setor em construção, mas constitui um dos poucos espaços do mercado de trabalho com vagas para os profissionais da área da Educação. Podemos localizar a grande área de demandas da educação não formal como a área de formação para a cidadania. Esta área desdobra-se nas seguintes demandas: a) Educação para justiça social. b) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.). c) Educação para liberdade. d) Educação para igualdade. e) Educação para democracia. f) Educação contra discriminação. g) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais (Gohn, 2009, p. 32).

O segundo fato a ser relatado foi a ação coletiva do 3º Fórum Estadual da Cultura *Hip Hop*, realizado no dia 17 de novembro de 2019, em Garopaba (SC). O tema discutido e publicado foi “O *breaking* nas olimpíadas e possíveis encaminhamentos para o registro do bem imaterial da cultura *hip hop* catarinense”. A ata da Associação Profissional de Dança de Santa Catarina (APRODANÇA), em encontro onde Maxwell intermediou as falas dos participantes convidados/as, traz os registros de opiniões de vários *hip hoppers* catarinenses e paulistas que colaboraram com o fórum¹¹:

Wagner Rodolfo Horbe – representando Nos Trink Crew, destacou que o Breaking viverá mais uma vez uma década de difusão, assim como os filmes da década de 80, é fato que acontecerá a competição esportiva na Olimpíada de 2024, porém temos que ter cuidado para que isso não seja uma fiscalização por meio de uma instituição única no Brasil. Questiona: qual o posicionamento dos artistas da cultura Hip Hop sobre isso? Henrique Bianchini – especialista em Hip Hop, destacou que está preocupado com este processo de esportificação do breaking, parabenizou Santa Catarina em organizar espaço de discussão sobre o tema, comenta que a Cultura Hip Hop é o maior movimento juvenil do mundo, e que este movimento é político, sendo político deve dialogar com as instituições representativas, bem como o governo (Associação Profissional de Dança de Santa Catarina, 2019, p. 1).

¹¹ A ata da conferência pode ser acessada no blog da APRODANÇA. Disponível em: <<http://aprodancaatas.blogspot.com/2019/11/ata-do-3-forum-estadual-da-cultura-hip.html>> Acesso em 14 jun. 2026.

Estava presente no III Fórum Estadual da Cultura *Hip Hop* o gerente de patrimônio imaterial da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Rodrigo Rosa. O técnico historiador concluiu as falas e todos/as concordaram com abertura do processo de registro do *breaking* como cultura imaterial de Santa Catarina, salvaguardando como manifestação cultural e não como modalidade esportiva olímpica.

Rodrigo Rosa destacou que em primeiro lugar temos que definir o ‘que’ queremos registrar, e ter o mínimo de concordância entre os fazedores de cultura do Hip Hop de Santa Catarina. Fez uma explanação sobre o que é um Registro de Patrimônio Imaterial, dando alguns exemplos. Orientou sobre como proceder no processo, e que é de suma importância obter anuências de artistas, coletivos, grupos e instituições é fundamental para o processo de registro imaterial nesta proposição. Sublinhou que não adianta entregar certificado por questão de mérito cultural, precisamos de manifestações amplamente dos mestres do ‘saber’ desta cultura, para o devido encaminhamento. E ainda, precisamos identificar como a Fundação Catarinense de Cultura pode servir para realizar ações de salvaguarda em nosso Estado nesta manifestação artística (Associação Profissional de Dança de Santa Catarina, 2019, p. 2).

O terceiro fato, para finalizar este capítulo, relaciona-se ao que aconteceu recentemente no dia 16 de outubro de 2023, na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), no “Plenarinho Deputado Paulo Stuart Wright”, em Florianópolis (SC), ocorreu uma audiência pública histórica sobre o Fomento à Cultura Hip Hop em Santa Catarina, articulada e realizada pela Comissão de Educação e Cultura da ALESC.

Em maio do ano que vem estaremos mobilizados para conseguir junto à sede da ONU em Paris, o reconhecimento do Hip Hop brasileiro como patrimônio mundial da humanidade e é importante que Santa Catarina também se mobilize para criar um processo de memória sobre esta cultura, destacou o rapper e ativista do Rio Grande do Sul, Rafael Rafuagi. O presidente da Associação Dança Criciúma, Maxwell Sandeer Flôr, informou que Santa Catarina encaminhou seu inventário ao IPHAN. Foram incluídas neste inventário oito cidades: Itajaí, Tubarão, Criciúma, Laguna, Florianópolis, Rio Negrinho, Joinville e Blumenau. Precisamos avançar para que mais municípios sejam contemplados (Dalpiaz, 2023).

Esse encontro reuniu vários *hip hoppers* catarinenses de diferentes cidades do Estado. Todos os cinco elementos da cultura *hip hop* foram representados antes de

iniciar audiência no hall da ALESC por meio de apresentações culturais e depoimentos, discutindo sobre políticas públicas de cultura. Na ocasião, eu (Maxwell Sandeer Flôr) e o Franklin dos Passos representantes da Casa do Hip Hop de Criciúma e da Associação Dança Criciúma (ASDC) estiveram presentes.

Figura 7 – Audiência Pública Fomento à Cultura *Hip Hop* em Santa Catarina



Fonte: Foto de Solon Soares/Agência AL (2023) – <https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/>.

Esse foi um marco histórico na cultura *hip hop* catarinense, pois um dos encaminhamentos da audiência pública foi: a construção do museu estadual do *hip hop* no Estado e o registro do *hip hop* como patrimônio imaterial de Santa Catarina.

A construção de um museu da cultura Hip Hop em Santa Catarina e a preocupação com a previsão de corte de recursos para a cultura no orçamento do Estado também estiveram na pauta do debate. ‘Nos angustia esse possível corte de mais de 50% no edital Elisabete Anderle’, alerta o Coordenador da Central Única das Favelas, Vinicius dos Santos. A deputada Luciane Carminatti destacou que o projeto que dispõe sobre o orçamento do Estado para o ano que vem tramita no Parlamento catarinense. ‘Eu e o deputado Marquito vamos apresentar as emendas necessárias para recompor os recursos previstos para a cultura, mas o setor precisa se mobilizar nesta luta’, destacou Carminatti (Dalpiaz, 2023).

Conforme citação acima, ficou evidenciada a falta de financiamento de projetos na linguagem do *hip hop* e, ao final da sessão, foram encaminhadas algumas demandas, e uma delas, “Fomento para Semana Estadual do *Hip Hop* em Santa

Catarina”, era manter anualmente uma data para celebrar a cultura *hip hop*, com recursos financeiros via editais públicos, pois fazer ações de difusão e circulação cultural tem gastos e os *hip hoppers* não podem e não devem tirar de recursos próprios para tal investimento. Os espaços a serem ocupados passam dos muros de uma instituição ou coletivo de artistas; os conselhos, fóruns, conferências e audiências de suas mais variadas representações devem ser ocupados. A voz da comunidade, dos artistas, das crianças e adolescentes “tem e deve” ter representantes com identidade para ocupação desses espaços de discussão, deliberação, fiscalização e proposição.

No dia 11 de novembro de 2018, a Associação Dança Criciúma (ASDC) e o Instituto Criciumense de *Hip Hop* (IHHC) participaram do evento “Um Ano Casa do *Hip Hop* de Esteio”. Essa casa fica localizada na rua José Guimarães, 203, no bairro São Sebastião - Esteio (RS), e na oportunidade conhecemos pessoalmente o artista Afrika Bambaataa. Nesse território gaúcho, os artistas puderam conversar com o Rafael Diogo dos Santos (Rafa Rafuagi), que é um dos gestores da Casa de Hip Hop de Esteio, que enfatizou que durante a tarde de comemoração de um ano de inauguração da casa estavam previstas apresentações de Thaide, Da Guedes, Rafa Rafuagi e do próprio Afrika Bambaataa.

Os artistas criciumenses consideram o intercâmbio cultural como uma forma de formação em que artistas *hip hoppers* trocam saberes-fazeres, nesse caso específico ouvi suas memórias respeito da vinda do artista norte americano Afrika Bambaataa, e da concessão do uso do espaço de uma “casa” praticamente normal e abandonada pela família, que foi cedida de forma gratuita para gerência da Casa do Hip Hop de Esteio (RS). Na matéria da Associação Dança Criciúma (ASDC)¹², o *hip hopper* Rafa Rafuagi comenta que,

[o] local oferecerá, gratuitamente, oficinas de dança, teatro, cinema, graffiti e para DJ, além de disponibilizar inscrições para o uso de um estúdio que também foi construído na casa”. Frank dos Passos, presidente do Instituto Hip Hop Criciumense, destaca que “[e]star na Casa do Hip Hop do Esteio e conhecer

¹² Matéria completa pode ser acessada no link. Disponível em: <<http://asdccriciuma.blogspot.com/2018/11/encontro-com-afrika-bambaataa-no.html>> Acesso em 14 jun. 2026.

suas ações em prol ao protagonismo juvenil é fundamental para trazer ideias para Criciúma. Estamos alguns anos tentando fundar a Casa do Hip Hop em Criciúma (Flôr, 2018).

As encruzilhadas territoriais entre “Afrika Bambaataa/Estados Unidos x Rafa Rafuagi/Brasil” nos remetem a algumas reflexões sobre como os elementos da cultura *hip hop* se conectam. Podemos exemplificar com os estudos de Bruno Zeni (2004), que descreve sobre a dupla Thaíde e DJ Hum¹³, que se atravessam entre as linguagens do *rap*, *DJ* e *breaking*.

Os cinco elementos completam-se e influenciam-se, mas podem manifestar-se de forma independente, a partir de interações as mais diversas. É possível, por exemplo, que antes de um show de rap aconteçam apresentações de gangues (equipes) de break, e grafiteiros exercitem suas habilidades nas paredes do local, sem que seja necessário, porém, que todos os elementos aconteçam ao mesmo tempo. Apesar de independentes uns dos outros, os rappers, DJs, grafiteiros e b-boys (dançarinos de break) se sentem irmanados, e alguns deles podem desempenhar mais de uma função. Antes de começarem a fazer rap, Thaíde e DJ Hum, dupla pioneira do movimento *hip hop* brasileiro, por exemplo, integravam uma gangue de break, a Back Spin (Zeni, 2004, p. 230).

Assim, paramos neste tempo. Pois o coletivo passa a falar “não” em apenas dos quatro elementos do *hip hop*, mas do quinto elemento dessa cultura, que é o “conhecimento”. E, como iniciamos falando sobre o movimento coletivo da cultura *hip hop* (2023), que estão unidos e pujantes para o desdobramento de duas frentes: a aprovação da proposta do decreto construção nacional do *hip hop* e do reconhecimento da cultura *hip hop* como patrimônio imaterial do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo deixa um registro autoetnográfico e de memórias de fazedores da cultura *hip hop* do município de Criciúma (SC) e do estado de Santa Catarina. As experiências desses sujeitos atravessam coletivos, espaços de educação não formal e

¹³ Um recorte da história da dupla pode ser conferido no artigo de Bruno Zeni (2004, p. 231): “Muitos rappers vieram das gangues de break. É o caso de Thaíde, que, em 1984-1985, dançava na Back Spin, quando conheceu numa festa o DJ Humberto Martins. Juntos, formariam a dupla Thaíde e DJ Hum, um dos primeiros grupos de rap brasileiro. Os discos de rap brasileiros começaram a ser gravados no final dos anos 1980. Em sua maioria, eram coletâneas, em que figuravam vários grupos, de estilos diversos.”

instituições. O Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Catarinense (IPCHH) ainda é “recém-nascido” que deve ser um processo de coleta/diagnóstico permanente. O inventário, entregue para Fundação Catarinense de Cultura, por meio da Assembleia Legislativa de Santa Catarina – ALESC, solicitando análise do reconhecimento do *hip hop* como patrimônio cultural imaterial catarinense, é um “passo”. Manter esse ritmo, de ações de “cobrança” com o legislativo e governamental, no sentido de gerenciar o processo administrativo dessa análise, poderia afirmar que é uma “coreografia de *breaking*”, todo *b-boy* e *b-girl* quer, mas ninguém quer coreografar.

Falar das memórias da cultura *hip hop* em Santa Catarina e trazer várias “pérolas” dos 295 municípios catarinenses, neste momento é uma missão quase impossível. Os *hip hoppers* devem continuar com os movimentos coletivos, a exemplo do 2º Fórum Estadual da Cultura Hip Hop que foi realizado no dia 8 de dezembro de 2024, na Escola Olodum Sul (Florianópolis-SC), demonstrando a união do grupo “GT Facilitadores Oficial 50 anos do Hip Hop” que realizou mais essa ação de forma orgânica, ou seja: sem recursos públicos.

A investigação mostrou que os grupos pioneiros elencados neste artigo: SOS Dance, *The Laws*, União Dança de Rua da UNESCO e Sistema *Breaking* de Criciúma-SC, e os *hip hoppers* dos municípios de Joinville, Rio Negrinho, Itajaí, Tubarão do estado de Santa Catarina, citados no IPCHH, demonstram processos de resistência cultural na linguagem do *hip hop*, comprovando em fatos e memórias, ações que impactam em progresso nas políticas culturais estruturantes, e se caso não tiver recursos públicos, fizemos “noiz por noiz”!.

REFERÊNCIAS

ASDC ASSOCIAÇÃO DANÇA CRICIÚMA. **III Encontro Pioneiros Danças Urbanas de Criciúma**, 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=b0TOVQxgRWo>>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE DANÇA DE SANTA CATARINA. **Ata do III Fórum Estadual da Cultura Hip Hop de Santa Catarina**, 2019. Disponível em

<<https://aprodancaatas.blogspot.com/2019/11/ata-do-3-forum-estadual-da-cultura-hip-hop.html>>. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

CAL WILL - Pioneiros D.U.C - Nego Frank Part. Cal Will. **SLF Records**, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4Wi3EYXPzo8&t=0s>>. Acesso em: 16 de novembro de 2023.

DALPIAZ, Gicieli. Audiência pública debate fomento à cultura Hip Hop em Santa Catarina. **Agência AL**, 2023. Disponível em <https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/audiencia-publica-debate-fomento-a-cultura-hip-hop-em-santa-catarina>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

ESTADUAL SC HIP HOP CONSTRUÇÃO NACIONAL. **Inventário Participativo Cultural do Hip Hop de Santa Catarina**, 2023. Santa Catarina, 2023. 55 p. Disponível em <<https://asdcriciuma.blogspot.com/2023/07/inventario-participativo-cultural-do.html>>. Acesso em: 29 de novembro de 2024.

FLÔR, Andressa Borges Gomes. Encontro com Afrika Bambaataa no Esteio/RS. **Associação Dança Criciúma – ASDC**, 2018. Disponível em <<http://asdcriciuma.blogspot.com/2018/11/encontro-com-afrika-bambaataa-no.html>>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

FLÔR, Michel. **Street Dance e suas pluralidades**. 2006. 61f Trabalho de Graduação (Disciplina de Metodologia Científica) – Curso de Educação Física, UNESC-Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma (SC).

FILHO, João Lindolfo. Hip hoppers: os manos na cultura. **Rev. Bras. Psicanálise** [online], v. 49, n. 3, p. 154-171, 2015.

GOHN, Maria Glória. Educação Não-Formal e o Papel do Educador(a) Social. **Revista Meta: Avaliação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, jun. 2009. Disponível em <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1/5>>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RODA DE CULTURA HIP HOP DE CRICIÚMA. **Associação Dança Criciúma**, 2023. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2v41ESL1ibc>>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **O universo hip-hop e a fúria dos elementos**. Orientação Patrícia Dias Prado. São Paulo: s.n., 2017. 189 p. ils.; anexos;

apêndice. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (SP).

ZENI, B. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados** [internet], v. 18, n. 50, p. 225-241, abr. 2004. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100020>>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.